

SUBJETIVAR-SE PROFESSOR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Efraim de Alcântara Matos¹

Carlos Magno Oliveira Júnior²

Demóstenes Dantas Vieira³

Deyvidy Michael Cortez da Silva⁴

Josenildo Pinheiro da Silva⁵

RESUMO

Este artigo apresenta como objetivo o estabelecimento de um diálogo entre professores que atuam na formação de professores, seja ela inicial ou continuada, sobre seus modos de subjetivação e constituição de identidade. A subjetividade tem sido foco de discussão de diversas 'áreas do saber que se ocupam em investigá-la sob vários prismas, inclusive, promovendo noções bem distintas acerca de como tratá-la ou vê-la. Aqui, entendemos a subjetividade como o eu que percebe, sente, vivência, logo, se abre à experiência de conhecer o mundo, seja ele interno, seja ele externo ao sujeito. Assim, o indivíduo se torna sujeito pela sua relação com o Outro. Nessa realidade, podemos tomar como exemplo a formação de professores que pode ser compreendida como o conjunto de processos reflexivos vivenciados pelos sujeitos no contexto de atuar na educação, podendo promover (trans)(form)ações das mais diversas. Recorrendo ao método cartográfico, construiu-se um diálogo formativo acerca do processo de tornar-se sujeito professor a partir da formação de outros sujeitos docentes. Percebeu-se como a relação com o Outro vai compondo identidades, passando do si sobre si, do outro em mim, de mim no outro e de nós no mundo. Isso influencia e é influenciado na formação dos sujeitos envolvidos, na constituição de suas identidades e na preocupação que todos constroem sobre o mundo, mais especificamente da educação. Nota-se como essa percepção de construção identitária e de modos de subjetivação são importantes de serem investigadas dentro das pesquisas sobre formação de professores, pois fazem parte dessa dinâmica e influenciam bastante em diversos processos dos sujeitos envolvidos.

Palavras-chave: Subjetividade, Formação de Professores, Modos de Subjetivação.

INTRODUÇÃO

A constituição do sujeito passa e é perpassada por várias frentes vivenciais que ele constitui a partir de suas práticas. Uma frente possível de ser enunciada é a subjetividade, mas essa palavra é altamente polissêmica quando pensamos no cotidiano, chegando inclusive a se poder dizer que o conceito de subjetividade é subjetivo. É nesse contexto que nos propomos a

¹ Licenciado e mestre em matemática pela UFERSA, mestre em ensino de matemática pela UERN, doutorando em ensino de matemática pela UFC. Professor do IFCE-Campus Iguatu, efraim.matos@ifce.edu.br;

² Médico Veterinário, mestre e doutor em Ciência Animal pela UFERSA. Professor do IFCE-Campus Iguatu, carlosmagno@ifce.edu.br;

³ Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em História – PPGH oferecido pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Pernambuco – UFPE; Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN/Campus Mossoró, demostenes.vieira@ifrn.edu.br;

⁴ Mestrando em Ciências da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Graduado em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido – UFERSA; Aluno do curso de Licenciatura em Letras pela Estácio de Sá – UNESA, deyvidycortez.dmcs@gmail.com;

⁵ Professor do IFRN-Campus Santa Cruz; licenciado em letras pela UFRN, mestre em educação pela UNISC e doutorando em literatura comparada pela UFRN, josenildo.pinheiro.cc@gmail.com.

discutir, nesse artigo, elementos da subjetividade e os modos de subjetivação de sujeitos bem específicos: professores que formam professores.

Não pretendemos adentrar a fundo em bases psicológicas, ou buscar compreender a subjetividade somente por essa frente, mas procuramos elementos sociais que fomentem essa discussão. Essa abordagem se dá em vista de que pensar a constituição do sujeito nessa ciência, seria colocá-lo como objeto que é enunciado por saberes científicos validados como verdades numa teia de poder das quais não nos sentimos seguros para exercer, mas nos sentimos instigados a percorrer para ver aonde podemos ir com ela ou por ela.

A subjetividade como um objeto da psicologia vem se configurando como um elemento importante desde o final do século XIX, tendo diversas visões que se apresentam sobre ela. Seja por influência cristã ou por sua negação, configurou-se como objeto e consolidou-se como campo de pesquisa por essas diversas frentes pelas quais era estudada, fosse por uma cartografia dos processos psíquicos ou por uma análise das respostas dadas a um determinado estímulo (Prado Filho; Martins, 2007).

Ainda na análise feita por Prado Filho e Martins (2007), encontramos uma base para pensar a subjetividade enquanto produção e não como dado. Tal constructo é histórico e social, logo, passa por uma série de decisões que o indivíduo toma e/ou é levado a tomar o que compõe um viés político dessa realidade. Nesse sentido, com Maheirie (2002) percebemos que há uma ontologia que nos conduz às discussões do que entendemos por sujeito, identidade e mais ainda sobre subjetividade.

Disso, percebemos ainda com Maheirie (2002), numa leitura de Sartre, que o sujeito se constrói enquanto fluxo no mundo, movendo-se a partir de um desejo, de um almejar algo que não tem ou que possui, mas não consegue reconhecer, que não é ou que acredita poder vir a ser, que não domina (talvez, inclusive, porque não o queira fazer), o inexistente transitório. Todas essas questões passam pela capacidade de sentir, refletir, tornar cognoscível e não reconhecer também, mas experienciar, como uma forma de trabalho, o mundo (Dejours, 2004). Nesse processo, há regimes que devem ser - ou que se espera que sejam - seguidos, compostos, e que delineiam por diversas frentes o que torna o indivíduo um sujeito a partir de seus modos de subjetivação, logo, constituindo sua subjetividade (Matos; Morais, 2023).

Objetivando o estabelecimento de um diálogo entre professores que atuam na formação de professores, seja ela inicial ou continuada, sobre seus modos de subjetivação e constituição de identidade, este artigo constitui um caminho para pensar a subjetividade, os modos de subjetivação e as práticas de docentes que atuam na formação de docentes. Esse caminho é importante de ser percorrido para fomentar futuras discussões acerca de como essa formação

influencia na constituição dos sujeitos, bem como contribui para a prática (identitária, mas não restrita a essa) deles.

REFERENCIAL TEÓRICO

A constituição do sujeito passa pela sua consciência e pelas formas sociais envolvidos em suas experiências. Logo, há toda uma composição ligada ao contexto social dos sujeitos, bem como às paixões envolvidas. Disso, deve-se ficar claro que as representações não se dão exclusivamente no sujeito, mas acontecem numa realidade social que demanda uma relação com o outro. E, assim, é interessante que compreendamos que o lugar denominado imaginação é onde tudo pode se delinear, compondo ideias, elementos, logo é o lugar onde as coisas se fazem, se materializam (Deleuze, 2002).

Nesses processos e lugares, o sujeito precisa ter construído sua subjetividade que deve ser compreendida, investigada e enunciada a partir de um prisma sistêmico e dado a partir de processos. Logo, subjetividade é movimento, se dá num movimento, no movimento do sujeito no mundo ao se reconhecer enquanto indivíduo e a partir daí tentar se (re)conectar como sujeito. Logo, para estudar a subjetividade é necessário que sejam marcados os limites entre mudança e formação da subjetividade que se dão em suas ações, visões, e estabelecimento de relações ao produzir sentido a partir de suas vivências (Rossato; Martínez, 2013).

A partir da relação com o meio, o sujeito constitui o social, e é importante perceber que ele não é só uma produção social, mas é produtor deste, construindo elos que se estabelecem a partir de sua interpelação de indivíduo em sujeito (González Rey; Goulart, 2019). Disso, compreende-se, junto a González Rey e Goulart (2019), que há toda uma massificação produtora de processos de invisibilização do sujeito, buscando torná-lo insignificante, mas com isso não queremos dizer que não haja agenciamentos direcionados ao indivíduo, só que com o sujeito é muito mais intenso.

Tal homogeneização dos sujeitos é fruto do sistema capitalista que promove e propaga diversas crises, sejam no campo da economia, sejam no âmbito dos desejos que vão sendo anulados para que haja uma adaptação à vida (Guattari; Rolnik, 2005). Nisso, os indivíduos vão sendo interpelados em sujeitos, mas cada vez mais padronizados, deixando suas experiências sem significado, em modos de subjetivação cada vez menos potentes. Daí que a subjetividade não se produz em um ou só com um sujeito, ela é um processo constante e eterno de modificação do status quo de um indivíduo a partir de suas relações com outras pessoas, situações,

ambientes, ou seja, com o mundo. Logo, a subjetividade não é posse, não é estática, é dinâmica, é fluxo, é saída para além ou bem antes da chegada (Mansano, 2009).

A formação docente enquanto prática de subjetivação, constitui-se como objeto de alteridade para o sujeito que a investiga, apresentando-se como elemento de investigação bastante pertinente. Ler sobre esse processo específico nos permite construir imbricamentos interessantes, mas para isso, a experiência precisa ser traduzida e articulada aos textos, pois as palavras não são detentoras de sentidos se os contextos não as envolve (Barbosa, 2021). Mas esses processos são únicos apesar de serem sociais, sua dinamicidade lhes garante essa característica (González Rey; Martinez, 2017), logo, por mais que o sistema padronize, os corpos dos sujeitos acabam promovendo enunciados que fogem a essas questões (Matos; Morais, 2023).

Não é possível pensar numa formação que não esteja relacionada com Outro (interno ou externo ao indivíduo) e é aí que o sujeito vai se compondo socialmente. Na formação docente não é diferente, pois há um processo intenso de reflexão acerca de quem se é, de quem é o outro é e quem somos juntos para que nos formemos nesse ínterim. Porém, como nos alerta Silva e Garcia (2011) a ilusão que se cria de que o sujeito pode ser de forma individual é uma produção social de um poder que utiliza desse artifício para se articular e se mobilizar intra e intersujeitos, constituindo processos onde esse poder possa permear e se propagar.

Entre tantas distintas tarefas que a formação docente vem executando, e sendo cobrada por isso, compõem-se diversas frentes para análise e compreensão do que seja esta etapa da vida dos sujeitos e o reflexo disso em suas identidades. Estas são permeadas por diversos saberes, logo, há todo um conjunto de fluxos que atravessam o indivíduo docente em sua prática que o ajudar a elaborar o ser sujeito docente. Tais fluxos têm as ações docentes como uma das formas de materialização, logo, elas são dinâmicas o que implica também numa dinamicidade da subjetividade e do sujeito (Lima et al., 2020).

METODOLOGIA

A escrita de qualquer pesquisa acadêmica exige dos pesquisadores envolvidos todo um comprometimento que é composta e compõe suas identidades. Tais composições acontecem devido às escolhas que vão sendo necessárias em cada etapa, pois ao selecionar seguir um caminho ou outro, tomar uma decisão e não outra, parte-se de uma escolha pautada em crenças e que acaba produzindo novos saberes, modificando quem é o sujeito envolvido.

Nessa caleidoscopia labiríntica, existem processos de (re)desconhecimento de si, pois a partir de se saber, se perceber e se montar experiencialmente, o sujeito vai compreendendo quem é, o que quer ser, e gerando desconpreensões sobre tudo isso. Tais modos de subjetivação vão acontecendo desde o planejamento da pesquisa, até sua escrita, buscando concluí-la de alguma forma, torná-la inteligível para o outro fora de nós, e, muitas vezes, o outro em nós.

Numa base de caracterização, de encaixotamento e de delimitação da pesquisa, passamos a descrever elementos que possam abarcá-la em seus processos. Em termos de concepção filosófica, a partir de Creswell (2010), encontramos na concepção construtivista social características mais aproximadas do que construímos nessa investigação. Por buscar compreender realidades do mundo social (em suas diversas frentes) dos sujeitos envolvidos, não só exterior, mas também interior a eles, acredita-se que as visões dos participantes é preponderante para enunciar o que se está estudando. Há toda uma construção dialógica que negocia sentidos subjetivos dos envolvidos com relação aos objetos articulados em suas falas.

Essa é uma pesquisa de natureza básica, por não propor soluções para algum problema, mas buscar compreender como os sujeitos se constituem sujeitos em sua formação social (Zanella, 2013). Para Pereira et al. (2018) a pesquisa qualitativa permite que o foco de interpretação seja feito pelos pesquisadores, o que aponta para um atravessamento de vivências daqueles que investigam e do seu objeto de estudo (Gibbs, 2009), caso que se adequa muito bem ao que nos propomos a fazer aqui. Como objetivo, Zanella (2013) nos esclarece que se ampliamos o que se sabe acerca das práticas de subjetivação e das subjetividades dos sujeitos, empreendemos uma pesquisa exploratória.

A partir de um diálogo entre professores de várias áreas de formação, bacharelesca (Ciência e Tecnologia, Medicina Veterinária) e de licenciatura (Biologia, Letras Português e Inglês e Matemática), foram produzidos diversos enunciados sobre formação, prática e identidade docente, bem como a constituição do professor como um sujeito.

Diferente da cartografia geográfica que produz mapas fixos, representando territórios, índices de chuvas, aquíferos, concentração populacional, entre outros elementos, aqui construímos mapas relacionais que identificavam ou tentavam enunciar traços de subjetividade e sua produção em sujeitos. Disso, mobilizamos jogos de poder, regimes de verdade, visões sobre si, sobre o outro e sobre o Outro, tentamos compor uma escrita do presente com reflexos dos possíveis futuros e reflexões sobre seus passados para compreender quem são e o que os produz(iu) (Prado Filho; Teti, 2013). Assim, a cartografia se apresentou como o caminho mais adequado para tal empreitada, uma vez que o método e o objeto de pesquisa iam se produzindo processualmente num fluxo contínuo e compartilhado de si.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conversar sobre a experiência de ser sujeito a partir do exercício docente, seja ele nosso ou do outro, foi uma trilha percorrida com saltos de passado e futuro. O tempo não foi linear, não se apresentou como uma estrutura em que poderia se seguir numa lógica estruturada. Fomos surpreendidos diversas vezes por um sorriso que traduzia uma experiência de passado que sonhava com um futuro que aconteceu, que estava materializado no presente.

Para sermos mais específicos quanto à experiência de revivenciar o passado traduzido em enunciados orais do que acontecera, esse momento ocorreu quando se pensou sobre a vontade de ser professor, e chegou-se à noção de que a maioria ali era formador de professores. Para além de se tornarem professores, contribuía para a formação de inicial de outros que um dia compartilhariam com eles da experiência de sentir que ensinar é dividir experiências na produção de novas. Assim, como em González Rey e Goulart (2019), percebeu-se que era possível compreender os espaços escolares formais como algo complexo, com diversas frentes, desafiador, mas mais do que isso, como contribuidor para uma saúde mental e física dos sujeitos, num processo de satisfação de atingir seus objetivos (Maheirie, 2002).

Tal tópico foi levantado quando os envolvidos dialogavam sobre como haviam sido suas experiências enquanto alunos, fosse na educação básica, fosse na formação inicial ou na pós-graduação. Perceberam que existiam elementos culturais que eram muito fortes na determinação daquilo que gostavam, que se interessavam, logo, nos perfis de quem eram, notando que suas subjetividades e cultura se mesclavam (González Rey; Martinez, 2017; Mansano, 2009). Disso, nota-se que há uma absorção prismática e labiríntica do outro externo a nós, e que constitui parte do outro em nós, para se expressar como o eu. De admiração a rejeição das práticas adotadas pelos seus docentes (Barbosa, 2021), diversos tópicos emergiram nas conversas que permitia que tais inferências fossem mapeadas.

As reflexões sobre como essa influência do outro em nossa formação permitiu que um outro ponto bastante pertinente fosse levantado, e quando esse outro somos nós em relação aos alunos: quais aspectos temos inscrito naqueles a quem nos propusemos a formar? Guattari e Rolnik (2005) apontam sobre como uma base molecular pode ser vista também no social, na construção identitária do sujeito, pois há inserções molares e moleculares na forma como os indivíduos vão se influenciando em sua composição de sujeitos. Por mais que se busque, no sistema capitalista, uma padronização (Matos; Morais, 2023), Deleuze (2002) fala sobre como as simpatias se diferenciam entre os sujeitos. Logo, os participantes do diálogo perceberam que

nunca conseguiriam com uma prática única capaz de abarcar o interesse de todos os indivíduos envolvidos, mas o respeito universal era uma chave para um caminhar mais horizontalizado.

Além da relação experiencial com o outro, os sujeitos ainda eram envolvidos e atravessados por determinações legais que se materializam em dispositivos regimentais definindo como deve ser sua formação e como se dará a construção de sua prática curricular (Barbosa, 2021; Lima et al., 2020). Um ponto que o diálogo pode permitir que emergisse com relação a isso é que apesar de todos esses atravessamentos, também se tinha uma noção de como diversas políticas públicas não conseguiam se materializar no dia a dia dos sujeitos nos espaços escolares formais. Tal realidade pode apontar para problemas crônicos no âmbito social, político, econômico, logo, com reverberações no educacional dos sujeitos (Rossato; Martinez, 2013).

Nesse contexto, vai-se criando um movimento de cobrança por competências dos sujeitos docentes que um dia foram alunos, muitas vezes ainda o são em suas formações continuadas, e que transitam nesse labirinto identitário sem um fio que os guie. Em uma base rizomática do ser (Deleuze; Guattari, 1995; Cunha, 2019), no diálogo, ficava claro que haviam questões sobre quem eram, qual era o seu papel, que força tinham suas influências na composição dos sujeitos discentes, e como poderiam estimular estes (Matos; Morais, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como propósito estabelecer um diálogo entre professores que atuam na formação de professores, seja ela inicial ou continuada, sobre seus modos de subjetivação e constituição de identidade. A partir de suas vivências e experiências, enxergando o sujeito como um constructo histórico e social, logo, como um conjunto de linhas de fluxo no mundo que segue submetido a regimes de controle social, foi se percebendo como eles se constituíam como sujeitos a partir de individuação coletiva no social.

A subjetividade é um regime discursivo que se constitui pela relação do sujeito com o Outro, em processos de admiração ou repulsão de práticas enunciativas (não somente restritas a práticas orais, escritas ou gesto-visuais) que compõem a vida dos indivíduos. Na profissão docente, podemos avançar um pouco nos estudos sobre as influências que levam os participantes à escolha pela profissão, aos reflexos de si no outro e vice-versa, e às demandas que os docentes têm no regime capitalista em que estamos inseridos. Com isso, damos um passo para preencher a lacuna que encontramos sobre como esse tópico acerca dos sujeitos.

Tal abordagem nos permitiu inferir que os currículos e as políticas públicas precisam levar em consideração as formas como os indivíduos são interpelados em sujeitos pelo exercício da docência. Entre tantos conflitos, anseios e vontades de saber, o sujeito busca o ser docente (aqui no sentido de se tornar continuamente e no sentido de procurar outro que o constitua) como uma forma de se apresentar (n) o (seu) mundo, sendo sua subjetividade um importante objeto de estudo, além de ter que ser levada em consideração na formação docente. Isso trará um avanço social no que tange à valorização do profissional e de sua prática formativa, podendo diminuir as diversas adversidades que estes encontram no decorrer de sua vida laboral.

Como novos caminhos de pesquisa, indicamos, como um caminho natural às informações anteriores, uma investigação que envolva uma maior diversidade de gênero, faixas etárias e tempo de experiência no exercício de formar professores. Se possível, empreender com um foco maior somente na formação inicial ou na continuada para que sejam percebidas outras nuances sobre o objeto estudado.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Romilda Meira de Souza. **Processos de subjetivação do professor de surdos no ensino médio**: narrativas de si. 2021. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2021.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

CUNHA, Claudia Madruga. PRINCÍPIOS DA CARTOGRAFIA E O PENSAMENTO DA DIFERENÇA EM DELEUZE – O QUE QUER A PESQUISA CARTOGRÁFICA?. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 934-959, dez. 2019. ISSN 1809-0354. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8051>. Acesso em: 15 ago. 2023.

DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. **Production**, v. 14, p. 27-34, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65132004000300004>. Acesso em: 09 jul. 2023.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e subjetividade**: Ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. Trad. Eni P. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 01. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**: coleção pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; GOULART, Daniel Magalhães. Teoria da subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. **Obutchénie: Revista de Didática e**

Psicologia Pedagógica, v. 3, n. 1, p. 13-33, 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/50573>. Acesso em 12 jul. 2023.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; MARTINEZ, Albertina Mitjans. El desarrollo de la subjetividade: Una alternativa frente a las teorías del desarrollo psíquico. **Papeles de Trabajo sobre Cultura, Educación Y Desarrollo Humano**, v. 13, n. 2, p. 3-20, 2017. Disponível em: <http://psicologia.udg.edu/PTCEDH/admin/publicacions/6.pdf>. Acesso em 14 jul. 2023.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

LIMA, Ana Maria Freitas Dias; SANTOS, Josseane Araújo da Silva; PÓVOA, Lilian Gama da Silva; PINHO, Maria José de. Identidade docente: Da subjetividade à complexidade / Teaching identity: From subjectivity to complexity. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 33078–33092, 2020. DOI: 10.34117/bjdv6n6-020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/10945>. Acesso em: 14 jul. 2023.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Interações**, v. 7, n. 13, p. 31-44, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/354/35401303.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v. 8, n. 2, 2009. Disponível em: <https://revpsico-unesp.org/index.php/revista/article/view/78>. Acesso em: 12 jul. 2023.

MATOS, Efraim de Alcântara; MORAIS, Marcelo Bezerra de. Corpos-rio (s) de professores de matemática gays: infância (s) e formações de sujeitos. **Horizontes**, [S. l.], v. 41, n. 1, p. e023015, 2023. DOI: 10.24933/horizontes.v41i1.1566. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/1566>. Acesso em: 12 ago. 2023.

PRADO FILHO, Kleber; MARTINS, Simone. A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 14-19, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300003>. Acesso em: 10 jul. 2023.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbaroi**, n. 38, p. 45-49, jun. 2013. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/2471>. Acesso em: 13 ago. 2023.

PEREIRA, Adriana Soares; SHITSUKA, Dorlivete Moreira; PARREIRA, Fabio José; SHITSUKA, Ricardo. **Metodologia da pesquisa científica**. Santa Maria: UFSM, 2018.

ROSSATO, Maristela; MARTÍNEZ, Albertina Mitjans. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, p. 289-298, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572013000200011>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SILVA, Jerto Cardoso da; GARCIA, Edna Linhares. Produção de subjetividade e construção do sujeito. **Barbaroi**, n. 35, p. 189-198, dez. 2011. Disponível em



https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782011000200013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 jul. 2023.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2ª ed. reimpressão. Florianópolis: UFSC, 2013.